IMAGINÁRIO DA III SECÇÃO

Pedro era um dos muitos jovens do Povo do Céu que fazia do Campo dos Sonhos a sua casa. Era ali que gostava de estar, era ali que se sentia completo. Era ali que sentia mais próxima a família que tanto amava.

Ao longo dos tempos, no quente aconchego da lareira, recordava com saudade as palavras tremidas que o avô lhe dissera, nos últimos dias da sua vida: "- Ama-a como se fosses tu mesmo, porque assim é. Protege-a, porque sem ti ela não viverá. Esta Terra precisa de ti." O rosto enrugado pelo tempo espelhava a sabedoria que só os longos anos de vida permitiam ter. O avô, o último dos Guardiões, vira com os seus olhos todas as atrocidades e malvadez que as mãos dos Homens tinham provocado no seu cantinho de terra. Mas não foi isso que o demoveu da sua missão. Deixou a Pedro e ao resto da família este legado: lutar para salvar a vida na Terra.

Hoje, Pedro liderava a família herdeira do legado do avô Francisco. Largas centenas de homens e mulheres reuniam-se à volta da célebre árvore repleta de flores, plantada pelas mãos do Avô, como todos o conheciam. Não eram os laços de sangue que os uniam, mas nas suas veias corria a mesma missão.

A extensa planície verdejante, pontilhada de cor pelas flores que se erguiam da terra, era uma amostra dos intensos anos de trabalho que esta família desenvolvia afincadamente todos os dias da sua vida. Poucos se recordam das intensas lutas contra as devoradoras máquinas que entravam pelas florestas dentro, abrindo espaço para o intenso crescimento de betão. Os céus cinzentos do fumo das máquinas roubaram a cor e alegria que outrora existiam ao cimo da terra. Só o sonho de alguns homens e mulheres, como o Avô, tornaram possível vencer a dura batalha contra a destruição.

A batalha estava vencida, mas não a guerra. Aquela planície verdejante que os acolhia era apenas um pequeno reduto, que resistia. Não era difícil encontrar, fora daquele espaço protegido, os rios completamente secos ou impuros, sem vida e sem cor; extensos campos de ervas secas, queimadas pela contaminação dos solos; e os céus cinzentos e cobertos de fumo, impedindo que os raios de sol iluminassem os rostos pálidos e tristes dos seres humanos que deambulavam pelas ruas.

Mas Pedro não desistia. Não podia acomodar-se àquele pequeno reduto. Tudo começara numa cabana junto a um pequeno lago que lentamente foi crescendo e retomando o seu espaço a cada nova conquista. Era preciso combater a exploração desenfreada dos recursos da Mãe Terra. Os Homens tinham que procurar o equilíbrio e viver em harmonia com toda a natureza. As plantas e os animais, o céu e as águas dos rios e mares completavam, em conjunto com o Homem, as maravilhas da criação de Deus. Pedro sabia que era essa a sua missão: não parar nunca de lançar as sementes da criação de Deus. Os sorrisos dos homens e mulheres que o seguiam compreendiam bem a sua tarefa.

Ali, junto à Árvore que o Avô lhes deixara, Pedro olhava os rostos da sua família. Respiravam em conjunto o ar puro, temperado pelo aroma das plantas que os envolviam. Via o grande lago que espelhava o azul do céu. Avistava também os animais

que ao longe pastavam e bebiam das águas daquele lago. O caminho era em frente. Era difícil, todos o sabiam. Mas nada faria sentido se ficassem por ali. O tesouro que o recebera do Avô estava nas mãos de todos eles. A mudança, que começara do sonho do Avô, precisava agora dos sonhos de cada um deles para avançar e voltar a trazer a harmonia entre o Homem e a Criação de Deus.

Ele era Petrus, o Guardião do Povo do Céu.